

*Algo em que creio
um apanhado em rascunho de fundamentos do que
acredito do que penso que devemos acreditar
para sermos educadores*

Carlos Rodrigues Brandão



***Este escrito foi originalmente
um capítulo de livro
ou um artigo publicado ou utilizado
para aulas e palestras.
Nesta versão “nas nuvens”
ele pode ser livre
e gratuitamente acessado
para ser lido ou utilizado
de alguma outra maneira.
Livros e outros escritos meus
podem de igual maneira
ser acessados livremente em
www.apartilhadavida.com.br
ou em
www.sitiodarosadosventos.com.br
LIVRO LIVRE***

I.

Algo em que creio

um

Creio no primado da pessoa. Creio na trajetória humana que há milhões de anos nos fez descer de árvores e, passo a passo, entre tropeços e acertos, no fez chegar a esta sala e a este momento de diálogos. Creio que existe sim, uma história humana. Creio que entre os seus caminhos e descaminhos somos nós, os seres que habitam como consciência reflexiva, como sentimento de amor pelo outro e como autores e atores de suas vidas e destinos, aqueles a quem compete não apenas “seguir o curso da história”, ou simplesmente dedicar-se a estudá-la e criar boas “narrativas” a se respeito, mas vivê-la como a mais difícil experiência coletiva a ser desafiada e construída.

E não apenas vivê-la criticamente, mas buscar transformá-la passo a passo. Engajar-se em alguma frente de ação social e dedicar o melhor de seu tempo a somar-se com tantas e tantos outros que, malgrado a desesperança de muitos em alguma ainda mega-meta, sonham e sabem que este mundo instrumentalmente globalizado não é aquele destinado a ser o mundo de seres humanos vocacionados a serem livremente solidários e ativamente participantes do que seja necessário, viável e até mesmo utópico. Sigo acreditando no que grito pelas ruas e não apenas durante os nossos fóruns sociais mundiais: um outro mundo é possível. E toca à multidão de todas e todos nós, torná-lo real.

Finalmente, como nunca acreditei na dissolução de pessoas e vidas em narrativas teóricas e ilusórias, devo dizer que sem medo algum de parecer apenas “moderno”, creio no povo. Creio na pessoa individual de gentes que vão de nossos indígenas ao quilombolas, deles à variedade ainda mal conhecida de nossos outros povos da floresta, e do mar, e os homens e mulheres do campo, camponeses com quem, entre o educador militante e o antropólogo de campo vivi os momentos mais verdadeiros e felizes de minha vida.

Dois

Creio no povo. Creio que esta palavra que não nos foi vazia no passado pioneiro dos anos sessenta, segue não sendo uma vã e esquecível “narrativa” nos dias de hoje. Creio no que vejo à minha volta, aqui, nos fundos do Brasil, nos Altiplanos da América Latina, em Cuba e na Nicarágua, na África e por toda a parte deste planeta.

Como negar a realidade da substância da pessoa-do-povo em um mundo em que a cada dia mais todas as riquezas que ele produz concreta e sofridamente concentra-se em menos mãos e entre menos famílias, empresas, centros malévolos de poder e fortuna imerecida?

Afinal, de quem falam os informes da ONU, quando em plena vigência globalizada da pós-modernidade denunciam que milhões de crianças e de mulheres morrem à mingua de fomes que poderiam não existir, ou de doenças que deveriam inexistir no Planeta Terra a muitos e muito anos?

Três

Creio em algo mais. Creio que é ainda a começar por esta gente não apenas “sofrida e excluída”, mas de muitas maneiras organizada, crescente de consciência política, mobilizada entre as muitas vias da construção de seu empoderamento e de sua libertação. Vias das lutas do povo, de que a “Via Campesina”, por certo aqui presente é apenas um entre os muitos sinais de nossas esperanças.

Tenho algo em comum com Darcy Ribeiro. Guardadas as proporções, sou, como ele, um antropólogo e um educador. De seus passos evitei o de ser político, não sei se por falta de coragem ou por excesso de lucidez.

De um modo ou de outro é com palavras dele que eu quero encerrar esta fala que abre nesta manhã este nosso encontro. Creio que muitas e muitos de nós, cada um e uma em sua medida, poderá reconhecer-se nestas palavras dele:

Sou um homem de Causas. Vivi sempre pregando, lutando, como um cruzado, por causas que me comovem. São muitas, demasiadas; a salvação dos índios, a escolarização das crianças, a reforma agrária, o socialismo em liberdade, a universidade necessária... Na verdade, somei mais fracassos que vitórias nas minhas lutas, mas isso não importa. Seria horrível ter estado ao lado do que se venderam nessas batalhas.

II.

Algo em que podemos acreditar

Primeiro

Podemos acreditar com os diversos inspiradores dos novos modelos de pensamento, dos paradigmas emergentes, que a razão de ser do pensamento e da ciência desta Era do Conhecimento não é mais, com prioridade, o criar, através de experiências de alta competência e especialização, conhecimentos tão especiais que não possam estabelecer redes de interlocução sequer com campos vizinhos do saber.

A pesquisa serve à criação do saber e o saber serve a interação entre saberes. A interação dialógica entre campos, planos e sistemas de conhecimento serve ao adensamento e ao alargamento da compreensão de pessoas humanas a respeito do que importa: nós-mesmos, os círculos de vida social e de cultura que nos enlaçam de maneira inevitável, a vida que compartilhamos uns com os outros e todos os seres da vida, o mundo e os infinitos círculos de realização do cosmos de que somos, nossa pessoa individual, nossas comunidades, a vida, o nosso mundo, parte e partilha.

Todo o conhecimento competente não vocacionado ao diálogo entre saberes e entre diferentes criadores de saberes – inclusive os situados fora do campo das ciências acadêmicas e dos

saberes autoproclamados como cultos e/ou eruditos – não tem mais valor do que o de sua própria solidão.

Segundo

Podemos acreditar no intervalo da comunicação entre os defensores dos modelos de objetivação da ciência (os herdeiros da tradição epistemológica da “física social” entre os cientistas da pessoa e da sociedade) e o defensores dos modelos de subjetividade do cientista (os herdeiros da tradição epistemológica das ciências do espírito, para quem o fundamento da sociedade é a ação humana e o fundamento da ação humana é a sua subjetividade) que, qualquer que seja o seu campo de realização e, mais ainda, de integração com outros campos de ciências e de interação com outros domínios de criação de conhecimento-valor, a pesquisa científica e o cientista devem lutar por preservar critério de rigor, de objetividade e de honesta competência em seu trabalho. Isto não deve ser contraposto ao crescendo da evidência de que tão una, totalizante, múltipla, complexa, diferenciada, previsível, incerta e conectiva quanto é qualquer plano do que chamamos (própria ou impropriamente) de “realidade”, são as diferentes alternativas de percebe-la, de investiga-la, de criar teorias de interpretação sobre ela e de buscar compreensões integrativas entre seus vários eixos de conexão.

Qualquer teoria científica é uma interpretação entre outras e vale pelo seu teor de diálogo, não pelo seu acúmulo de certezas. Todo o modelo de ciência fechado em si mesmo é uma experiência de pensamento fundamentalista, como o de qualquer religião ou qualquer outro sistema de sentido fanático.

Terceiro

Podemos acreditar que o fosso de desigualdades e de uso de maus espelhos entre as ciências “naturais” e as “sociais” deve tender a ser um intervalo aberto e fracamente dialógico entre umas e outras. A prática do ambientalismo e as convergências de conhecimentos nas “novas ecologias” (da mais “científica” à “profunda”, à “da mente”) bem podem ser um caminho a seguir aqui. Podemos acreditar que, ao contrário do que vimos acontecer ao longo dos últimos séculos, o modelo das ciências sociais não é a boa prática das naturais. As ciências da natureza aprendem a relativizar (matemática inclusive), a pluralizar compreensões, a subjetivar métodos e a descobrir e compreender através do diálogo entre leituras e, não, através de monólogos de certezas. Tomam, portanto, um como modelo de teoria e prática, a atualidade dos dilemas das ciências humanas. Isto não significa uma inversão de domínio, pois o sentido de domínio deve deixar de existir aqui. Significa que de um lado e do outro – até não existirem mais lados, como margens que separam – o avanço da compreensão está relacionado a um progressivo e irreversível abandono das variantes do positivismo científico e lógico, da redução da compreensão à experimentação e da experimentação à manipulação de sujeitos sobre objetos.

E este caminhar direcionado à construção lenta, diferenciada e progressiva de uma transdisciplinaridade, em nada significa o sonho (um pesadelo, na verdade) de uma ciência única, pan-unificadora. Não converge sequer para a criação de uma pan-teoria geral do saber, mas, ao contrário, abre-se ao que de maneira afortunada Boaventura de Souza Santos chamou

de “um conjunto de galerias temáticas onde convergem linhas d’água que até agora concebemos como objetos estanques” . Esta convergência, lembremos uma vez mais, retoma o valor e o sentido tanto das diferentes outras alternativas culturais de construção de saber e de criação de sentido e valor, incluídas aí as diferentes tradições populares e de povos testemunho.

Quarto

Podemos acreditar que a finalidade do conhecimento é também a de produzir respostas às necessidades humanas. Podemos mesmo lembrar a idéia de Bertold Brecht, partilhada por tantas outras pessoas: a finalidade da ciência é aliviar a miséria da condição humana. Mas isto não significa que a ciência deva ser originalmente utilitária. Se existe uma utilidade fundamental da ciência ela está na criação e ampliação da compreensão humana a respeito dos e das integrações entre os mistérios da própria pessoa, do mundo em que ela vive, da vida em que ela e outros seres da vida se realizam e de totalizações diferenciadas em que tudo isto existe e a que converge, sem perder dimensões de sua identidade.

Mas esta abertura do valor-ciência à compreensão totalizadora, à decifração maravilhada de mistério, à descoberta incessante de novos e mais desafiadores mistérios a serem decifrados, ao aporte infinito de saberes-valores a todas as aventuras do diálogo entre pessoas e entre grupos de pessoas, povos e culturas, não deve ocultar o fato de que hoje, mais do que nunca, a sobrevivência e a felicidade cotidiana de pessoas, de grupos humanos, de povos e de nações, de toda a humanidade, no limite, têm exigências urgentes formuladas aos saberes da ciência.

Em um momento da história da trajetória humana em que a metade dos insumos empregados na indústria da morte e da guerra poderia salvar a vida de milhões de pessoas, poderia trazer um fundamento material do direito à felicidade para milhões de pessoas e poderia ser destinado a frear de fato o processo de destruição ambiental do planeta Terra e a regenerar áreas imensas já degradadas em todos os continentes, é tempo de voltarmos às perguntas e Rousseau lembrada por Boaventura de Souza Santos no começo do livro que nos tem acompanhado aqui:

“Há alguma relação entre a ciência e a virtude? Há alguma razão de peso para substituímos o conhecimento vulgar que temos da natureza e da vida e que partilhamos com os homens e mulheres de nossa sociedade pelo conhecimento científico produzido por poucos e inacessível à maioria? Contribuirá a ciência para diminuir o fosso crescente na nossa sociedade entre o que se é e o que se aparenta ser, pó saber dizer e o saber fazer, entre a teoria e a prática?”¹

Quinto

Podemos aceitar que todo pensamento que imagina saber algo e que enuncia e diz o que alguém pensa, de algum modo, a outras pessoas, a outros pensadores-interlocutores, fala sempre *desde* e *para* um lugar social

Podemos defender a idéia de que assim como todas as outras práticas sociais, a ciência e a educação que sonhamos praticar e através das quais descobrir e ampliar *ad infinitum* sujeitos e

¹ Op. Cit. Página 7. Lembro que Boaventura recorda que Rousseau responde com um “não” às perguntas que ele mesmo formula.

campos sociais de diálogo criador e emancipatório, pretendem estar falando desde o lugar social da comunidade humana concreta e cotidiana. E pretendem se dirigir a comunidades humanas de criadores da vida de todos os dias e da história que esta vida múltipla entretence e escreve.

A escolha dominante e crescentemente dominadora do saber que se cria segundo os interesses do lugar social mercado de bens, e que fala em seu nome e que se dirige não apenas a ele, mas a subordinar todos os outros campos de realização da vida e da criação da história a ele, deverá ser constituído como um plano oposto de nosso diálogo. Um plano não situado fora de nosso desejo de diálogo a partir do “lado da vida”, de que fala Walter Benjamim, pois também ele está constituído por pessoas humanas. Mas um lugar de interesses utilitários sobre o pensamento, sobre a ciência e sobre a educação cuja vocação clara ou implícita e a de reduzir pessoas a mercadorias e criações livres de pensamentos à reprodução robotizada de ordens de serviço, como se toda criação da mente e do coração humano fossem destinados apenas a isto.

Sexto

Podemos pensar com Sartre. Podemos lembrar aqui uma de suas passagens mais memoráveis. Em algum lugar de *A questão do método* (não tenho comigo o original) ele, falando sobre o que é essencial na repartição da vida humana, diz isto:

O essencial não é o que foi feito do homem, mas o que ele faz daquilo que fizeram dele. O que foi feito dele são as estruturas, os conjuntos significantes estudados pelas ciências humanas. O que ele faz é a sua própria história, a superação real destas estruturas numa práxis totalizadora.

Lembremos que em Paulo Freire sempre foi cara a idéia de *práxis*. Se a recordo bem, tal como escrita tantas vezes por ele, *práxis*: um pensar dialógico e crítico a respeito de uma realidade que uma ação reflexiva - ela própria o pensamento tornado atividade coletiva e subversivamente consequente - trata de transformar como e através de um processo inacabado e sempre actancial e reflexivamente aperfeiçoável ao longo da história humana. E a própria história deve tender a ser *práxis* cria e transforma. Também em Boaventura de Souza Santos o momento da superação da dicotomia, da hierarquia forçada entre conhecimento científico (o dos outros sobre nós) e o conhecimento vulgar (o nosso sobre os outros) deverá desaguar na experiência em que “a prática será o fazer e o dizer da filosofia da prática”².

Para além da realização dos planos intelectuais de um sujeito de conhecimento – um filósofo, um cientista, um investigador – e para além da utilização e dos benefícios estendíveis a quem foi antes um objeto de conhecimento através de uma pesquisa, todo o trabalho consequente de investigação deve objetivar ser um passo a mais no caminho da realização humana. Deve ser alguma forma de compreensão mais alargada, mais profunda a respeito de algo não conhecido, imperfeitamente conhecido ou passível de, através de uma outra fração de conhecimento confiável e dialogável, ser incorporado a um “todo de compreensão” mais fecundo. Mais fecundo como conhecimento integrado “a respeito de” e também como possibilidade de realização do conhecimento como um projeto de transformação de algo em alguma coisa melhor. Todo o bom

² Boaventura de Souza Santos, op. cit. Página 10.

saber transforma o que há no que pode haver. Todo o conhecimento de qualquer ciência vocacionada ao alargamento do diálogo e à criação de estruturas sociais e de processos interativos - econômicos, políticos, científicos, tecnológicos ou o que seja - sempre mais humanizadores, integra antes, de algum modo, sujeitos e objetos em um projeto de mudança em direção ao bem, ao belo e ao verdadeiro.

Podemos fazer algo com a passagem de Jean-Paul Sartre acima. Podemos refletir sobre ela e podemos pensar como e em que medida ela pode ser um dilema anteposto entre o que sabemos, o que devemos aprender a saber, o que fazemos para aprender a saber e o que fazemos com o que aprendemos a saber. Com o que, entre ainda estudantes e já professores, descobrimos que ensinamos também o que não sabemos e, então, pesquisamos.

Podemos tomar a idéia escrita de Sartre e estica-la, se é que isto é necessário. Mas se for e se for também ouviu, um alargamento das suas palavras, quando repensadas para as artes e os ofícios que nos unem aqui, ela poderia ficar mais ou menos deste modo:

O essencial não é o que foi feito do homem. O essencial é o que ele faz e não cessa de seguir fazendo com o que fizeram dele.

O que fizeram dele são as estruturas e os processos sociais de poder e de posse de bens, de serviços, de sentidos, de valores e dos meios através dos quais ele pode pensar e estabelecer de maneira livre e solidária situações de gerar o seu próprio aprendizado e criar o seu próprio pensamento. O que seguem fazendo dele é a reprodução sempre atualizada de estruturas de controle de mentes, de corações e de culturas. São as relações sociais fundadas por e fundadoras de relacionamentos humanos regidos pela desigualdade, pela exclusão, pela subordinação, pelo poder de qualificação de atores sociais e de atribuição desigual de sentido às suas vidas, às suas idéias, às suas ações. São os processos programados de robotização da experiência humana e de conseqüente de tolhimento da liberdade, sob a aparência de que nunca houve tanto direito à escolha autônoma³. O que fazem dele é o exercício dado por legítimo da –violência, e depois a violência que a violência original do poder e da posse entre desiguais faz existir.

O que o homem faz é o que ele cria

O que ele cria são os gestos de quando o coração e o conhecimento geram os saberes de sua condição de pessoa em busca da construção de sua liberdade. Aquilo que passo a passo ele escreve quando pensa e inscreve quando age sobre e transforma a sua experiência a experiência cotidiana, dentro e através da qual as redes e teias de pessoas que a assumem como uma criação responsável e solidária, constroem e pensam os termos de sua própria história.

Toda a pesquisa, em qualquer circunstância com esta vocação, e qualquer que seja o seu domínio de pensamento, não é mais do que um pequeno, efêmero e indispensável momento em tudo isto.

³ Principalmente no que se refere ao número de canais disponíveis nos aparelhos de televisão.

Sétimo

Podemos, finalmente, em nosso caso específico lembrar que o destino do conhecimento que produzimos deságua, em primeiro lugar numa comunidade cultural chamada *educação* e, a seguir, nas suas pequenas e insubstituíveis comunidades sociais chamadas escolas, salas de aulas, comunidades aprendentes.

A quem pensa esta vocação comunitária do saber, podemos lembrar com o carinho de uma despedida, o velho provérbio chinês já nosso tão conhecido.

*Se você faz planos de vida para um ano
semeie arroz.*

*Se você faz planos para dez anos
plante árvores.*

*Se você pensa planos para cem anos
eduque o povo.*

III.***Alguns preceitos sobre em que crer, quando se é educador*****um*****O valor absoluto da pessoa humana***

Qualquer que seja o tipo de um governo e a vocação de uma sociedade, a pessoa humana é sempre o seu sujeito e a sua razão de ser. A pessoa constitui um valor irreduzível em si mesma e todos os projetos e todas as políticas sociais devem ter cada pessoa humana e todas as pessoas de um povo, de uma nação e de um estado como suas destinatárias essenciais.

dois***A vocação humana ao diálogo***

Quem quer que sejam as pessoas, sempre a sua verdadeira vocação é a abertura ao encontro com o outro no diálogo entre seres iguais, livres e responsáveis por si mesmos, pelos outros e por seus mundos de vida e de trabalho. Cada ser humano é uma fonte de vida, de experiências pessoais e de saberes próprios que a torna única, como uma fonte original de valor e de conhecimento. Todo o saber, todo o aprendizado e toda a ação social entre pessoas, devem

realizar-se sempre como vivências interpessoais e culturais de diálogos. E o fundamento do diálogo entre as pessoas não é outro senão o amor.

Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. ... Porque é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico⁴.

três

O diálogo como comunicação transformadora de consciências

Não somos apenas mentes que adquirem e acumulam informações e conhecimentos para permanecermos como sempre fomos. Somos sempre seres que transformam o que aprendem e conhecem em formas pessoais e dialógicas de consciência. A formação de consciências autônomas, críticas, criativas e amorosamente dialógicas é a razão de ser do aprendizado. E esta forma de aprendizado deve ser a razão de ser da educação. Pessoas não aprendem apenas para serem capacitadas através da informação. Aprendem para conhecerem. Pessoas não aprendem apenas para acumularem conhecimentos, mas para continuamente processarem saberes ativamente adquiridos como reconhecimento pessoal e interativo de si mesmas, dos outros e do mundo. Conheço quando faço parte do que é conhecido. Conheço conscientemente quando penso por conta própria e responsavelmente qual o sentido humano do que estou conhecendo.

quatro

O destino do conhecimento conscientizador como fonte de ação social transformadora

Uma das decorrências de uma mente consciente através do aprendizado em uma educação libertadora, é a consciência de que o mundo em que vivemos foi e segue sendo construído por ação de pessoas e de grupos humanos. Ele é uma criação humana, e se em um momento de sua história não corresponde a como deveria ser uma sociedade livre, justa e fraterna, cabe às pessoas que nele vivem, a partir das pessoas das camadas populares, realizarem a sua transformação. Aprendemos não somente para nos transformarmos continuamente, mas para transformarmos também o mundo em que vivemos.

⁴ Está na página 94 do livro mais conhecido e importante de Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido*. Ele foi publicado pela Editora Paz e Terra, de São Paulo em 1970. Existem várias edições posteriores e inúmeros artigos e livros que de um modo ou de outro comentam as idéias contidas no livro.

cinco*A necessidade e a urgência de transformações sociais*

Existe um critério absoluto para determinar a qualidade de uma mudança ou transformação social: ela deve ser sempre humanizadora. Deve representar sempre e de maneira irreversível um acréscimo de valor humano. Um aumento condições através das quais as pessoas e todas as pessoas da vida social possam viver cada vez mais uma vida plena e feliz. Isto é: uma vida de qualidade, criativa, livre, co-responsável, e solidariamente partilhada em uma sociedade justa, democrática (de fato), igualitária, multicultural, não-excludente, justa e aberta à constante mudança.

seis*O chamado a participação de todos e, de maneira especial, das pessoas do povo*

Em uma sociedade onde a imensa maioria das mulheres e dos homens pertence às camadas sociais populares, não apenas por isto são as pessoas do povo aquelas a quem devem ser destinados recursos e projetos destinados a reverter a sua própria condição de pobreza, exclusão e marginalidade. Mais do que isto, pessoas das camadas populares devem se tornar os próprios agentes ativos e críticos de sua formação, da transformação de suas culturas (modos de ser, de viver, de sentir, de criar e de pensar) a partir delas próprias e de seus valores e tradições, e em direção à transformação da própria vida social que constroem com seus saberes e trabalhos.

Que Paulo Freire encerre este escrito:

Os profetas são aqueles ou aquelas que se molham de tal forma nas águas da sua cultura e da sua história, da cultura e da história do seu povo, dos dominados do seu povo, que conhecem o seu aqui e o seu agora e, por isso, podem prever o amanhã que eles mais do que adivinham, realizam.

Eu diria aos educadores e educadoras, ai daqueles e daquelas que pararem com a sua capacidade de sonhar, de inventar a sua coragem de denunciar e de anunciar.

Ai daqueles que, em lugar de visitar de vez em quando o amanhã, o futuro, pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e com o agora, se atrelam a um passado, de exploração e de rotina⁵.

⁵ Devo também a Moacir Gadotti tanto a lembrança da epígrafe de Fernando Pessoa deste livro quanto esta lembrança de Paulo Freire, ao final. Ambas estão em páginas de seu livro *Pedagogia da Terra*, publicado pela Editora Fundação Peirópolis, São Paulo, 2000

IV.

CRIADORES DE UM FUTURO HUMANIZADO de acordo com o pensamento de Carl Rogers

Nos meus tempos de estudante de psicologia, Carl Rogers nos foi um pensador tão importante quanto Paulo Freire. Mas como ele era norte-americano, e não declaradamente “de esquerda”, naqueles tempos a gente não podia dizer isto abertamente.

Em páginas do seu livro *Em busca da vida*, ele procura descrever como a seu ver seriam as “novas pessoas criadoras de um mundo completamente revolucionário de amanhã?” Transcrevo aqui a síntese que fiz de suas ideias.

Quem afinal são essas pessoas?

Elas experimentam viver as suas vidas não como uma sequência incontrolada de fatos e acontecimentos, mas como um ativo processo de construção-de-si-mesmo. Vivem a vida como um fluxo de energia, como uma permanente possibilidade de transformação. A fixidez e a ausência de um sentido fluido e ascendente do viver não é parte de suas experiências.

Elas buscam viver uma relação harmônica com a natureza (Rogers usará a palavra; “confortável”). Sentem-se parte e partilha do mundo natural e “a ideia de ‘conquista da natureza’ é um conceito a que são avessos”.

Elas acreditam que o exercício de qualquer forma de poder colonizador sobre os outros é apenas uma forma disfarçada ou não de conquista e apropriação indevida. São portanto avessas a qualquer alternativa de domínio-sobre-o-outro, e agem no sentido de potencializar cada outra pessoa e compartilhar com ela um poder socializado entre empreendimentos co-responsavelmente coletivos.

Elas procuram experimentar as suas relações sociais com os outros como um acontecer derivado de suas relações com a própria natureza. Assim, agir “naturalmente” possui para elas um duplo sentido: agir de forma correspondente a como se age como e com a natureza, em busca de seguir o seu fluxo e compartilhar sua ordem... natural; agir tomando o outro como um ser habitante do mesmo mundo e da mesma ordem natural da vida de que por igual sou uma dimensão.

Elas procuram, como seres que sentem, pensam e agem, saltar para fora dos muros de um mundo dual, compartimentalizado e reducionista de diferenças. Um mundo que opõe o corpo e a mente, a mente e o espírito, a ciência e a arte, o homem e a mulher, o “meu” e o “de outros”. Em lugar disto, elas se empenham no sentido de alcançarem uma totalidade de vida, experienciando o pensamento, o sentimento, a energia física, a energia psíquica, a energia curadora e tudo o mais de forma integrada.

Elas buscam viver para além do domínio do ter, em busca de uma vida cada vez mais aberta na experiência do ser e do compartilhar. São pessoas para quem a experiência da gratuidade é superior a qualquer desejo utilitário de ganho ou proveito individual. São pessoas em que a partilha através da troca e da dádiva parecem render muito mais satisfações do que o desejo do ganho e da acumulação material de bens e de poderes.

Elas estão em constante busca de superação, de ir-além, sem forçar, no entanto, a ordem harmônica natural do curso da vida e de suas vidas. São pessoas para quem a experiência de uma vida interior possui um sentido de orientação fundamental do destino e do dia a dia. São pessoas que não fogem a se reconhecerem como seres crescentemente espirituais (o termo é de Rogers). São pessoas abertas a experimentarem estados crescentes de uma vida criativamente consciente e até mesmo trans-consciente e trans-pessoal.

São pessoas que mesmo quando essencialmente ativas e produtivas (no bom sentido desta palavra), estão abertas a experiências derivadas da criação de silêncio interior, de meditação e de busca cotidiana de transcendência. “Querem encontrar um significado e objetivo de vida que transcenda o indivíduo”. Rogers, 1983: 16.

Elas são pessoas ao mesmo tempo equilibrada e radicalmente abertas ao novo. Abertas e novas alternativas e a novas experiências. Estão propensas a aprenderem sempre o que não sabem ainda, e a reformularem modos de ver, de sentir, de pensar, de agir e de viver. São pessoas que não temem arriscar o que possuem em segurança em nome do que pode ser um salto em direção tanto ao desconhecido quanto à superação generosa de si-mesmas.

Elas são pessoas abertas à autocrítica tanto quanto à crítica dos outros. Mesmo quando seguras de quem são e de como pensam e vivem, gostam de lidar com modos diferentes de experimentar tudo como elas próprias experienciam. São avessas a qualquer forma de dissimulação e de perda de busca de verdades em nome do encontro com retóricas de mero “convencimento do outro”. Qualquer forma de fundamentalismo é extremamente negado por elas. Qualquer modalidade de diálogo é um caminho por onde querem viajar.

Elas são pessoas afetiva e ativamente motivadas ao Outro. São pessoas essencialmente interessadas nos seus Outros. São pessoas que sem se perderem fora de si-mesmas, estão sempre abertas à acolhida de outras pessoas. São avessas a estabelecer relacionamentos íntimos restritos a círculos de “escolhidos”. Estão sempre abertas a serem úteis-aos-outros. Buscam no Outro não uma utilidade para mim, mas uma partilha entre iguais diferenciados. O desejo de “levar vantagem” em qualquer relação é totalmente avesso à sua busca de partilhas.

Elas tendem a serem crescentemente arredias a instituições, normas, modos de vida regidos por estruturas rígidas, por preceitos irremovíveis, por prescrições impostas de cima para baixo, por regulamentos colocados acima da criatividade, de generosidade e da solidariedade entre pessoas e seus propósitos.

Assim, elas são pessoas que confiam bastante mais no consenso criado através da partilha e do diálogo, do que em critérios e códigos reconstruídos e impostos desde fora, por mais justos e adequados que possam parecer. São pessoas que preferem errar buscando construir os seus caminhos, do que caminhar com uma segurança imposta pelas setas de indicação rígidas de instâncias pessoais ou institucionais de poder. “Fazem seus próprios julgamentos morais, mesmo que desobedeçam abertamente a leis que consideram injustas”. Rogers: 17.

Deixemos que Rogers complete a série com as suas palavras.

Suas vidas são construídas sobre uma filosofia consistente – uma confiança básica na natureza construtiva do organismo humano, um respeito pela integridade de cada pessoa. Uma crença na ideia de que a liberdade de escolha é essencial para uma vida plena, uma crença de que a comunicação harmoniosa entre indivíduos pode ser facilitada, um reconhecimento de que a experiência de comunidade íntima é essencial a uma boa vida. 1983: 17.

Esta pequena síntese realizada por mim pode ser encontrada em:

ROGERS, Carl (et all)

Em Busca da Vida

1983, Summus Editora, São Paulo